porque esperamos

notas sobre a docência

a obsolescência
& o vírus

– edições autonomaz – –

#1

A CRISE É CORPORAL

Angélica Vier Munhoz

Docente do Centro de Ciências Humanas e Sociais e do Programa
de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates
angelicavmunhoz@gmail.com

I
"O pânico é a criação"[i]

II
Continuamos sendo a mesma multidão que éramos antes. Não transitamos mais por espaços ou geografias, mas por imagens, por tempos, por multiplicidades em dispersão. E continuamos sendo multidão. Já não um coletivo de corpos em um espaço - para tal, o acesso é limitado e não se pode adentrá-lo em um ponto qualquer. Mas um coletivo ilimitado, sem fronteiras. As únicas fronteiras são dos corpos. Corpos solitários de uma multidão.

III
A terra sempre foi ocupada por homens em suas estratificações sociais. A socialização é um dos modos de estratificação, diriam Deleuze e Guattari[ii]. Afinal, o homem é um animal de rapina que nunca quis estar sozinho. Então somos imensamente sociais. Existimos pelo outro, para o outro, pelo lugar e seus agenciamentos. E atualizamos repetidamente as nossas organizações, de maneira diversas, em espaços diferentes. Mas agora estamos confinados e só existimos em um único espaço.

IV
Talvez já não estejamos em um espaço, mas num lugar. Um lugar é um mundo. Exige uma relação, uma disposição para estar. O lugar precisa de suas próprias ferramentas para existir. A casa pode ser esse lugar. De onde eu me comunico, apareço, vivo.

V
É na tela que aparecemos e existimos. E também desparecemos. Mas as telas não são - e nunca foram - superfícies lisas que mostram imagens[iii]. Nunca foram meras superfícies, mas superfícies operando com interfaces, em meio às quais, instituímos nossas relações. Contudo, se as telas surgem para possibilitar relações, paradoxalmente, também existem para a proteção do contato humano. Eis a sua origem etimológica: proteger do contato com o outro. Talvez por isso operem com a distribuição do visível e do invisível. Mostrar e ocultar.

VI
No que diz respeito às nossas relações com as telas, uma grande quantidade de coisas não voltará a ser como era antes. Tudo mudou. Alguns tem a esperança de que a lição se torne útil para que sintamos uma necessidade de contato físico com outros seres humanos. O que poderia desencadear um ressurgimento aterrador do contágio. Afinal, "o inimigo é secreto: não se pode vê-lo em parte alguma; não se pode atingi-lo. Espera-se apenas ser atingido por ele"[iv].

[i] Gilles Deleuze & Felix Guattari. Mil Platôs, v.I. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, I995, p.9I.
[ii] idem.
[iii] Mauro Carbone, Philosophie-écrans : du cinéma à la révolution numérique, Paris, Vrin, 20I6.
[iv] Elias Canetti. Massa e poder. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, I995, p.273.

VII
Sofremos com a falta de pele. O corpo do outro se tornou um poder de morte. Poderíamos traçar uma geografia do toque, com base na distância e no perigo que o outro pode representar. A falta do toque agora é visível - o que talvez não fosse antes. Pouco a pouco, esvazia-se o corpo de contato tátil.

VIII
A crise é corporal. O corpo confinado entra em colapso a uma velocidade incrível. Mas, se confinados estamos, é preciso inventar um "lado de fora"[v].

IX
De tudo isso, deriva a experimentação. O ouvido torna-se mais agudo (os fones convertem-se em próteses do corpo), a voz é mais exigida. Os olhos embaçam de tanto fixar a tela. Os dias às vezes viram noites e as noites viram dias. O cotidiano se reconfigura. O vírus insiste, persiste, mas passará, é fato. Nós não passaremos.

X
Para as nossas crianças, entregamos um mundo para que elas possam reinventá-lo. Mas a nossa relação com o mundo está em crise. Tornamos o mundo frágil, descuidado, sem contornos. Abdicamos do mundo. Porém, não existimos sem mundo, não trabalhamos sem mundo, não nos comunicamos sem mundo. E não podemos nos recusar a transmitir o mundo, pois, sem mundo, deixaríamos as crianças[vi].

XI
Uma aula na frente da tela ainda é uma aula? Nenhuma forma se garante por si. Até porque em uma aula tudo são artifícios: o quadro, as cadeiras, as tecnologias. Nada está dado. Ao professor cabe criar atmosferas e dar presença ao corpo. Apresentar alguma matéria, assinalar algum estudo, ler um poema, falar aos seus alunos, escutá-los atentamente, mover os braços - são gestualidades que não estão atreladas a um dever docente, tampouco a uma competência, habilidade ou conhecimento que se adquire. Trata-se de uma estilística singular, reinventada a cada tempo ou lugar.

XII
De fato, muitos dos gestos da docência configuram automatismos, engessamentos que se lhe antepõem. Presenciais ou virtualizados, ao desprover-se de expressividades, tornam-se mecânicos, funcionais, falhos de vitalidade.

XIII
Uma aula também é um espaço-tempo de um viver junto. É possível viver junto em meio a telas? O viver junto barthesiano [vii] compreende uma ética da distância entre os sujeitos que coabitam o espaço, mas trata-se de uma distância atravessada por afetos. Viver junto em uma aula virtual também é isso?

XIV
O retorno a um ‘como antes’ começa a surgir. E eu digo ‘não voltarei’, porque está claro, tudo mudou.

XV
Em um mundo drasticamente mais pobre, compraria eu uma passagem para uma conferência no Japão ou em Istambul, se posso estar lá, da minha própria casa?

XVI
A única certeza é que o momento presente condicionará o próximo.

[v] Antoni Negri. O contra-Império ataca. Lugar Comum & - Estudos de Mídia, Cultura e Democracia. Rio de Janeiro, UFRJ, n° I5-I6, p. 45-63, 200I/2002, p. 52.
[vi] Hanna Arendt. A crise da educação. In: ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 20II.
[vii] Roland Barthes. Como viver juntos. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NÃO VOLTAREINÃO VOLTAREINÃO VOLTAREI